

# A MULHER NA HISTÓRIA: UM PANORAMA BÍBLICO-TEOLÓGICO

Larissa de Moraes Ribeiro<sup>1</sup>

Marlon Ronald Fluck<sup>2</sup>

Lidiane Ribeiro da Silva de Souza<sup>3</sup>

## RESUMO

Contar a história das mulheres não é simples, pois não encontram-se muitos relatos históricos sobre elas. No entanto, esse artigo tem como objetivo, através de pesquisa bibliográfica, relatar como elas eram tratadas em alguns períodos históricos nas comunidades bíblicas, atendo-se na comunidade judaica no Antigo e Novo Testamento, greco-romana e também na Igreja primitiva, que tiveram grande impacto sobre toda a história feminina. E também em momentos-chaves na história, como a Idade Média e a Reforma Protestante, assim como na modernidade e no começo do Movimento Feminista. As narrativas irão apontar as diversas opressões que as mulheres sofreram, como elas eram inferiorizadas pelos homens e pela religião, sendo valorizadas apenas no âmbito doméstico. Tendo sido massacradas pela Inquisição, encontraram pequenos espaços por meio da Reforma Protestante que lhes proporcionaram educação, e na modernidade, mostraram a elas sua força para que assim iniciassem uma vigorosa luta por seus direitos, culminando na transformação que o Movimento Feminista proporcionou, estendendo-se até a atualidade.

**Palavras-chaves:** Mulher, história, bíblicas, Idade Média, Reforma, Movimento feminista.

## ABSTRACT

Telling the story of women is not simple, as there are not many historical accounts about them. However, this article aims, through bibliographic research, to report how they were treated in some historical periods in the biblical communities, focusing on the Jewish community in the Old and New Testament, Greco-Roman and also in the primitive Church, which had great impact on all female history. And also in key moments in history, such as the Middle Ages and the Protestant Reformation, as well as in modernity and the beginning of the Feminist Movement. The narratives will point out the various oppressions that women suffered, as they were inferior by men and by religion, being valued only in the domestic sphere. Having been massacred by the Inquisition, they found small spaces through the Protestant Reformation that provided them with education, and in modernity, they showed their strength so that they could start a vigorous fight for their rights, culminating in the transformation that the Feminist Movement provided, extending it if up to the present.

**Keywords:** Woman, History, Biblical, Middle Ages, Retirement, Feminist Movement.

---

<sup>1</sup> Bacharela em Teologia pela Faculdade Teológica Betânia. Contato: lilamoribe@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Teologia (Universidade de Basiléia-Suíça). Mestre em Teologia (Escola Superior de Teologia, EST, Brasil). Possui Especialização em Serviço Social da Família (Universidade Luterana do Brasil, ULBRA, Brasil), e em Sociologia Urbana (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, Brasil). Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia da Escola Superior de Teologia de São Leopoldo e pela Faculdade Evangélica do Paraná, FEPAR, Brasil, e Bacharel em Ministério Pastoral (Seminário Bíblico Palavra da Vida). Contato: mrfluck@gmail.com

<sup>3</sup> Mestre em Educação e Novas Tecnologias, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Aconselhamento e Gestão de Pessoas, graduada em Ciências Sociais pela UFPR e em Teologia (SEMIB e FACETEN). Diretora de ensino e professora do curso de graduação e pós-graduação da Faculdade Teológica Betânia (FATEBE). E-mail: lidiane@faculdadebetania.com.br

## **INTRODUÇÃO**

Não faz muito tempo que as mulheres começaram a desejar conhecer sua história, a qual é marcada pela opressão. Isto ocasionou uma árdua tarefa. Perrot (2007, p.21) afirma que esse fato acontece pelas seguintes razões: “para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios.”

Contudo, o principal objetivo é narrar de forma singela pontos da história tratando a forma que as mulheres eram entendidas em cada um deles. Em um primeiro momento, será apresentado como era a vida das mulheres nas comunidades bíblicas, sendo elas a comunidade judaica, greco-romana e na igreja primitiva. De forma simples, busca-se relatar como essas mulheres eram vistas pela sociedade e pela religião de cada uma delas, culturas que viriam a influenciar grande parte da história.

Já em um segundo momento, se faz necessário expor com que situação as mulheres se depararam em certos momentos históricos, sendo eles: a Idade Média, a Reforma Protestante, um pouco da modernidade e o movimento feminista. Esses momentos trouxeram grandes mudanças para a mulher, de rupturas e aprendizados nos locais em que aconteceram e conseguiram se espalhar.

Assim, esse artigo tem como objetivo contar um pouco da narrativa feminina, através de uma pesquisa bibliográfica, feita por intermédio de artigos e livros, e expor brevemente a história das mulheres.

### **1. A MULHER NAS COMUNIDADES BÍBLICAS**

A Bíblia relata, desde a sua origem, a história de um povo. Nesse relato, apesar de escassos, existem casos de como as mulheres eram vistas e tratadas em suas comunidades. Com algumas semelhanças, o povo judeu, grego e romano tinham suas formas de comportar quanto às mulheres, uma realidade que foi

transformada por Jesus e pelo apóstolo Paulo, porém retrocedeu no decorrer da história da igreja primitiva.

### **1.1 Mulher no Mundo do Antigo Testamento**

O Antigo Testamento conta a história do povo hebreu e sua aliança com Deus. Nesse contexto é apresentado como era um pouco da vida da mulher hebraica, porém, pela falta de mais dados, não se pode ter certeza sobre alguns fatos, mas é possível ter uma noção de como era a situação dela nessa comunidade.

É exequível conceber que o caráter patriarcal estava presente nessa sociedade. Gerstenberger, dissertando sobre como era a casa e o casamento no Antigo Testamento, diz o seguinte:

A família no Oriente Médio antigo costuma ser descrita como “patrilinear, patrilocal e patriarcal”. Isto significa: a linha paterna determinava a existência do grupo íntimo de convivência. Normalmente (contra a previsão de Gn 2.24!) a mulher saía de sua casa paterna para morar com a família do marido (cf. Gn 24.45- 61; 31, etc.). Às vezes, o marido é denominado de “dono” da esposa. (GERSTENBERGER, 2002, p.83).

A mulher sempre aparece em posição inferior ao homem: “temos um panorama da situação das mulheres israelitas, subordinadas aos seus maridos e geralmente em posição inferior aos homens” (EVANS, 1986, p.22). Esse sistema era justificado pela ideia de que o homem era um ser mais forte. Perante a lei israelita a mulher tinha poucos direitos assegurados, sua situação legal e econômica era deprimente em comparação com outras comunidades ao redor que favoreciam mais a mulher (EVANS, 1986, p.21).

Contudo, mesmo dentro dessa sociedade patriarcal, não era desconhecido o papel de algumas mulheres como líderes dentro da família, mesmo que às vezes vistas somente como meio para gerar filhos, eram ocasionalmente avaliadas como pessoas com dignidade e tratadas como tal (EVANS, 1986, p.21). Gerstenberger (2002, p.86) advoga em favor de que a mulher, muitas vezes, era responsável pela educação secular e religiosa dos filhos, e antes do exílio era incumbida dos cultos domésticos. Isso se dá ao perceber uma mudança na situação da mulher entre, como Feldman vai defender, a construção do primeiro e do segundo templo. Na

época do primeiro templo a exclusão das mulheres de espaço público não era o arquétipo, há relatos bíblicos que demonstram essa realidade da presença delas no deserto do Sinai e na construção do tabernáculo, além de atuarem em funções públicas e políticas tribais ou nacionais (FELDMAN, 2006, p.258).

No Antigo testamento, há relatos de profetisas e líderes, mesmo que em menor proporção, demonstrando que elas exerciam influência religiosa. Evans (1986, p.27) relata que, no ponto de vista de Calvino, isso acontecia como uma medida de emergência e para envergonhar os homens, mas “não temos também evidência no Antigo Testamento de que a liderança das mulheres sobre os homens seja estranha à sua natureza criada.” (EVANS, 1986, p.27). Mesmo sendo uma sociedade patriarcal, a participação da mulher na vida pública e religiosa ainda não estava totalmente suspensa.

Para Feldman (2006, p.260-262), a situação ficou mais árdua para a mulher a partir da construção do segundo templo, quando foi proibido que a mulher ocupasse lugar de sacerdotisa, pois a menstruação começou a ser vista como sinal de impureza, uma vez que o sangue representava a vida e a não fecundação do óvulo simbolizava a morte. “Os valores sociais começam a se alterar, e isso acaba se espelhando na religião e na cultura. [...] Pode-se perceber que a questão da pureza e da impureza tende a criar certos mecanismos de controle e de exclusão da mulher da religião, do estudo e da vida pública”.

Para Evans (1986, p.28), depois da queda, a mulher sempre aparece em segundo plano. Já para Baldock (2009, p. 11), “na história primitiva dos israelitas, as mulheres estavam à altura dos homens, uma vez que exerceram papéis importantes. [...] No outro extremo, as mulheres foram consideradas como propriedade da “casa de seu pai”, um termo que inclui a família imediata, o clã e a tribo, diferenciando as mulheres cada vez mais dos homens. “A estes cabe o estudo e a oração; a elas, a educação e as tarefas do lar.” (FELDMAN, 2006, p.265-266).

É crível que a mulher no contexto hebraico em seu primórdio, podia ocupar cargos de liderança, e também era responsável dentro do lar. Ao decorrer do tempo, com a mudança da cultura, ela foi excluída das atividades religiosas, tornando esse povo ainda mais misógino, resultando na situação histórica que se encontrava a mulher ao adentrar a vida desse povo no Novo Testamento.

## 1.2 Mulher no mundo do Novo Testamento

A posição da mulher no mundo judaico pode continuar sendo vislumbrada através do Novo Testamento, e também através de outros escritos da mesma época. Jesus, ao conviver com os judeus, teve uma relação excêntrica com a mulher do que aquele povo estava acostumado, pois, como mostrado anteriormente, era um povo culturalmente machista e Jesus não demonstra essa posição ao se relacionar com mulheres, fato que será citado em tópicos seguintes.

O cenário em que a mulher se encontrou ao decorrer dos anos foi cada vez mais androcêntrico, “é possível notar um dramático declínio na posição e no status das mulheres, em todas as esferas em comparação com a situação descrita no Antigo Testamento.” (EVANS, 1986, p.33). Para explicitar essa alegação, Evans dispõe dos seguintes argumentos quanto a posição da mulher no Judaísmo:

Não obstante, certas pressuposições podem ser feitas a partir das evidências disponíveis, as quais muitas apontam com muita força para o fato de que o primeiro século do judaísmo tornou explícita a posição inferior das mulheres.[...] Isto pode ser verificado com exatidão pelo fato das mulheres serem repetidamente mencionadas junto às crianças e aos escravos.[...] A esfera de ação das mulheres era considerada exclusivamente doméstica [...] ela era honrada como esposa e mãe. Assim, “no seu devido lugar”, o valor da mulher era claramente reconhecido, mas mesmo dentro do lar ela ficava sob autoridade. (EVANS, 1986, p.29-30).

De forma mais sucinta, a mulher, muitas vezes na lei judaica, era colocada na mesma categoria de bens, como gado e escravos. (CUNNINGHAM; HAMILTON; ROGERS, 2004, p. 112). Depois do casamento, ela ganhava um status mais elevado, pois a mulher solteira e viúva não podiam trabalhar; isso dificultava demasiadamente sua situação econômica. Ainda assim, dentro da família, o estado da mulher não era proeminente, uma vez que “o pai é o único que tem o direito de dispor, dar ordens, castigar, pronunciar orações, principalmente a bênção da mesa, oferecer os sacrifícios.” (MORACHO, 2002, p.22).

Nos aspectos religiosos, a situação da mulher deparava-se com circunstâncias ainda mais precárias, porquanto como Cunningham; Hamilton; Rogers (2004, p.113-114) relatam, a mulher era segregada no templo - tendo que ficar numa parte separada no templo de Herodes - não podia participar de rituais importantes, e, além de tudo, o ensino da Torá não era incentivado para o sexo feminino. Outrossim,

a mulher era vista como a causa do pecado masculino, por isso seu aparecimento nos espaços públicos deveria ser evitado, a mulher não deveria falar em público nem com o próprio marido e era vista como perigosa, visto que “indo contra o que a Bíblia ensina, os rabinos afirmavam que a mulher é mais suscetível ao pecado do que o homem.” (CUNNINGHAM; HAMILTON; ROGERS, 2004, p.111).

Uma vez que tanto para os hebreus quanto judeus, Eva foi a precursora de todo pecado humano, Braga (2016, p.38) corrobora com essa ideia concluindo que: “Eva, a personificação do feminino, como tendo sido criada após o homem e em posição secundária e subordinada”. Além disso, como interpretada a partir do capítulo 3 de Gênesis, ela foi culpada pela perdição da humanidade, tendo sido responsabilizada pelo pecado original. Outro exemplo claro da periculosidade atribuída a mulher, é dos chamados “fariseus machucados” que vendaram os olhos para não caírem em tentação e cobiçarem mulheres e por isso frequentemente se machucavam ao se chocarem com algo ou caírem. (CUNNINGHAM; HAMILTON; ROGERS, 2004, p. 112).

Ponderando sobre todo esse quadro em que se localizava a mulher, é compreensível a oração citada abaixo feita pelos religiosos judeus da época. Sousa (2012, p.31) discorre sobre essa oração dizendo que: “o rabino Jehuda, no II séc. d.C, fazia diariamente três louvações a Deus: uma por não ter nascido pagão, outra por não ter nascido ignorante e a outra por não ter sido criado mulher, porque a mulher não tinha obrigação de cumprir a Lei, por ser considerada inferior ao homem.”

Pode-se notar que o papel social da mulher foi se deteriorando com o passar do tempo; se no Antigo Testamento, ainda que em seu primórdio, a mulher pudesse exercer papéis importantes no mundo judaico, vislumbrado no Novo Testamento ela foi condenada ao anonimato e à nocividade. Objetificada, a mulher era um bem que o homem possuía, com raras exceções, sendo esse o panorama geral que a mulher se encontrava nessa sociedade e momento de sua história, apenas reconhecida como mãe e esposa.

### 1.3 Mulher no Mundo Greco-Romano<sup>4</sup>

Para entender de forma mais abrangente o Novo Testamento, se faz necessário conhecer a cultura da época, nesse sentido, a cultura mais proeminente é a greco-romana. O mundo se encontrava em um período helenístico, e a cultura greco-romana influenciava diretamente às demais, isso significa que a visão sobre a mulher nessa sociedade também influenciou outras. “Era uma sociedade estratificada e patriarcal, a qual se transformou em uma cultura de dominação que influenciou de maneira decisiva a cultura ocidental.” (SOUSA, 2012, p.32).

A família era patriarcal e a mulher era vista como um sexo frágil; criada dessa forma pelas divindades. Biologicamente ela indicava ser inferior, e isso construiu os papéis de cada gênero (SOUSA, 2012, p.32). O pensamento que mais dominava era o grego, a filosofia ganhava cada vez mais espaço e os filósofos discutiam suas teorias. Os filósofos de maior destaque da época diziam que ser mulher era um castigo, “Platão afirmava que as mulheres eram uma reencarnação dos homens covardes e como castigo transformado em mulheres” (CUNNINGHAM; HAMILTON; ROGERS, 2004, p.86), e Aristóteles, que ela era um ser humano imperfeito. Fluck cita esses filósofos de forma subsequente:

Platão deixou claro o seu conceito sobre a mulher quando falou da libertação da alma da prisão do corpo. Ele sugeriu então que “o destino de um homem mau seria a reencarnação em uma mulher”. Aristóteles, por outro lado, entendeu as mulheres como “machos imperfeitos, produzidos acidentalmente por insuficiência paterna ou pela insuficiência nociva do vento úmido do sul”. (FLUCK, 2016, p.14).

A mitologia grega, que tinha como objetivo explicar a criação de várias coisas, também dá seu parecer a respeito da criação e sua perspectiva sobre o sexo feminino, como Cunningham, Hamilton e Rogers (2004, p.82-83) explanam. A mitologia difunde o conceito de que Zeus criou as mulheres como um castigo e maldição, a mulher é a causa de toda tragédia conhecida pela humanidade, por isso nos contos mitológicos, elas são meros peões no jogo de poder masculino. Apesar das deusas terem grande representação, o caráter delas expõe o julgamento dos

---

<sup>4</sup>O termo mundo, cultura ou civilização greco-romana, quando usado como um adjetivo, como entendido pelos estudiosos e escritores modernos, refere-se às regiões geográficas e nações que culturalmente (e historicamente) foram diretamente e intimamente influenciadas pela língua, cultura, governo e religião dos gregos e romanos antigos. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/greco-romano/5882/>>. Acesso em: 25/06/18.

gregos em relação às mulheres. Por essas razões, entre os gregos o casamento não era tão almejado.

Da mulher se esperava um comportamento recluso, que ficasse em silêncio perante os homens e preservasse a honra da família, elas eram, de todas as formas, dependentes dos homens, visto que não tinham direito a votos e não podiam exercer cargos governamentais (BRAGA, 2016, p.19,22). Entre os romanos, o casamento era visto de forma mais elevada que entre os gregos (EVANS, 1986, p.36).

Cunningham (et.al, 2004, p.96,99) relata que a mulher não era considerada um ser em si, tanto que ao nascimento ela nem recebia um nome próprio, em vez disso, ela era conhecida pelo nome do clã, a forma feminina do nome da família do pai. O marido também era autorizado pela lei a matar sua esposa se ela fosse pega em adultério ou alcoolismo. Era costume também os romanos matarem os bebês do sexo feminino, abandonando-os à beira da estrada, motivo que levou à criação de leis para a família preservar pelo menos uma menina ao nascimento.

Acrescentando, Evans (1986, p.31) informa que mesmo que a maioria das mulheres fossem ensinadas aos afazeres domésticos, algumas recebiam instrução helênica e aprendiam a falar grego. Sousa (2012, p.32) alega que, “na realidade, as mulheres nem sempre seguiam essas determinações e atuavam em diversos contextos do espaço público, em associações, tribunais, e embora excluídas da administração da cidade, elas podiam exercer influência política”. Com o passar do tempo, essas ocorrências, e também a mudança do tipo de governo, culminaram em um alterado contexto para as mulheres, pelo menos nas classes mais abastadas. Braga propõe:

A crescente emancipação das mulheres (D’ONOFRIO, 1968, p. 135-136; RUETHER, 1974, p. 119) da aristocracia durante a passagem da República para o Império, com as novas legislações de Augusto (63 A.E.C. – 14 E.C.), e a instrumentalização política do casamento (POMEROY, 1987, p. 177-178), são fatores que trouxeram mudanças ao cenário. Surgiram mulheres que, usando o enriquecimento das famílias nobres e amparadas pelo regime do matrimônio *sine manus*, que objetivava evitar a transferência dos bens de raiz de sua família de origem para outra, trouxeram como resultado uma situação na qual os padrões tradicionais que regiam o comportamento feminino sofressem alteração significativa. Mais livres para agir, e com seus recursos mais à sua disposição, se tornou comum que esposas de aristocratas romanos não atribuíssem ao vínculo matrimonial o mesmo valor que se atribuiu outrora, resultando em aumento do número de divórcios e de relações extraconjugais. Se a mulher não desejasse se casar novamente não necessitava nem mesmo de um certificado de divórcio e



poderia afastar-se da família do marido assim que o assumisse, permanecendo os filhos com a família paterna. (BRAGA, 2016, p.27).

A história das mulheres no contexto greco-romano alude à forma que elas eram vistas na maioria do espaço mediterrâneo daquela época, mesmo que houvesse exceções, como no caso de Esparta e Egito. A mulher situava-se, mais uma vez, de modo inferior, com pouco reconhecimento e sendo desfavorecida pela cultura e pela lei. A situação de algumas delas muda com o passar dos anos, começando com a aristocracia, mas isso não traz um grande impacto para o cenário em que elas se encontravam. E esse painel deixa marcas na narrativa da mulher na Igreja primitiva.

#### **1.4 Mulher na Igreja Primitiva**

A igreja nasceu em um âmbito totalmente androcêntrico, como visto nos pontos anteriores. Na cultura greco-romana e judaica a mulher era um ser à margem (DREHER, 1990, p.274). Jesus, diante desse contexto, polemiza com uma posição totalmente diferente diante da mulher. Braga (2016, p.59) reitera esse fato alegando que “a relação de Jesus com as mulheres é no mínimo controversa, do ponto de vista das expectativas fundamentadas nas leis religiosas de pureza ritual e regras de comportamento social da Judéia do primeiro século, pelo menos do ponto de vista da aristocracia política e religiosa judaica.”

Para abordar esse assunto seria necessário muitas páginas para retratar o tratamento de Jesus com as mulheres, mas nessa parte da história é indispensável entender que Jesus inicia um movimento diferente em favor da mulher.

Jesus pareceu advogar a favor das mulheres, marcadamente presentes em suas missões como patronas e discípulas promovendo-as às mesmas condições das dos homens que o seguiam (DeCONICK, 2013, p. 15), pois, transmitia-lhes seus conhecimentos, perdoava seus pecados e as conservava entre seus seguidores. Sobre a mulher como fonte de tentação, por exemplo, ele parece ter atribuído ao homem a responsabilidade de cuidar de onde olhasse para evitar a cobiça, ao dizer que mesmo em pensamento um homem poderia pecar ao olhar ‘para uma mulher cobiçando-a (Mt 5.27- 28 CNBB)(BRAGA, 2016, p.51).

A mensagem de Jesus sobre o reino vindouro, onde haveria total igualdade para elas, as atrai. Jesus demonstrava essa realidade já em seus atos terrestres,

pois em seu ministério elas já desempenhavam certa liderança, originando assim, equidade com os homens (BRAGA, 2016, p.61-62). Consoante a essa asserção, Dreher (1990, p.284) testifica que é impossível encontrar um relato sobre Jesus desqualificando uma mulher, Jesus não é patriarcal. Fluck (2016, p.20) arremata afirmando que “Jesus Cristo acentuou a igualdade entre masculino e o feminino.” “E que elas foram dignificadas no cristianismo como resultado da valorização que receberam a partir do conhecimento de Jesus Cristo como o Salvador e amigo.” (2016, p.27).

Com a morte e ressurreição de Jesus, o cristianismo ganha nome e ainda mais seguidores e começa a ser propagado através dos discípulos. Paulo então se converte e se torna um dos maiores líderes do cristianismo, escrevendo a maior parte do Novo Testamento. Sua postura quanto às mulheres aparece em seus escritos.

Paulo as respeitava, por ver nelas, líderes valorosas que "lutaram ao meu lado pelo evangelho, com Clemente e os demais colaboradores meus cujos nomes estão no livro da vida" [...] As comunidades e o próprio Paulo deviam muito a algumas delas. Muitas ajudaram e arriscaram a própria vida por causa de Jesus Cristo. Carinhosamente, ele se referiu a elas como irmã, mãe, ajudantes na luta pelo evangelho, companheira de prisão. Detalhe importante: em três casos, a comunidade se reunia na casa (*oikía*) de algumas delas (FERREIRA, 2015, p. 110).

As citações sobre as mulheres mostram que elas estavam presentes em todas as atividades das congregações no início da igreja. (GRENZ, 1998, p.85). Muitas vezes citadas pelo nome, mostrando que a igreja não era constituída apenas por apóstolos em sua base, mas elas também se destacaram no anúncio do evangelho e no testemunho de vida. (TEIXEIRA, 2010, p.62). Há relatos também que em diversas famílias, as mulheres foram as primeiras a manifestar sua fé no Ressuscitado. (TAMANINI, 2016, p.185). Paulo também deixa seu posicionamento claro no livro de Gálatas, que como Dreher (1990, p.284) atesta, “a fórmula de Gl 3.28, que é fórmula batismal, confissão de fé batismal, afirma que os batizados estão em oposição a todos os valores raciais, sociais, patriarcais e religiosos da sociedade judaico-greco-romana.”

Paulo deu liberdade e também “incentivou as mulheres para que saíssem do ambiente doméstico e comesçassem a anunciar o Evangelho, também fora de casa.” (FERREIRA, 2015, p.111). Outro destaque foi o enfrentamento cultural de Paulo

diante do casamento, “Paulo deu uma orientação acima de qualquer tendência mostrando a vocação cristã do matrimônio (1 Co 7,1-6). Ele apresentou a igualdade e a reciprocidade dos direitos e deveres conjugais do homem e da mulher.” (FERREIRA, 2015, p.112).

Mas tudo não permaneceu em progresso para as mulheres, com o passar dos anos, e com o processo de canonização dos textos Bíblicos e de institucionalização da Igreja, as redações passaram a ser criticadas e argumentos diferentes surgiram.

Autores vão procurar minimizar as passagens bíblicas canônicas que falam da mulher e de seu papel. Seus adversários vão escolher essas mesmas passagens para acentuar a importância da mulher e de seu papel. O processo de canonização dos escritos neotestamentários vai ser, inclusive, usado contra a mulher. Orígenes vai conceder que houve mulheres profetas, mas afirma que essas mulheres profetas não se pronunciavam em público e muito menos em reuniões da comunidade. Crisóstomo pode conceder que houve mulheres missionárias no período apostólico, mas faz a restrição, ao afirmar que isso só foi possível nos primórdios da Igreja, pois lá existia uma situação “angelical”, fato que não mais se repetiu posteriormente. As mulheres que pregam e batizam baseiam-se na tradição da apóstola Tecla. Tertuliano, porém, para evitar que mulheres tenham essas funções, vai acentuar a falsificação dos Atos de Tecla. Especialmente o último exemplo, o de Tertuliano, nos mostra que a canonização dos escritos neotestamentários vai ser usada contra a mulher. (DREHER, 1990, p.280).

Seguindo esse fluxo, as mulheres foram excluídas de posições elevadas na Igreja. Tal qual passou a ser coisa de homem, e as mulheres, simples acessórios, pois “nesse sistema de governo não há mais lugar para a mulher. A exclusão da mulher vai receber fundamentação ideológico-teológica.” (DREHER, 1990, p. 279-280). Jerônimo, considerado “o mais erudito dos Padres Latinos da Igreja”, que valorizou o ensino e elogiou a capacidade das mulheres, (FLUCK, 1993, p.53), até incentivou que suas discípulas ensinassem suas filhas os textos sagrados. A história da Igreja vai recolocando a mulher no lugar que era encarado como o sendo proveniente delas, na parte inferior, em segundo lugar. Esse padrão vai ser detectado fortemente através da história, culminando no estado lastimável em que se deparou a mulher na Idade Média.

## **2. A MULHER NO DECORRER DA HISTÓRIA**

Com o decorrer do tempo, as mulheres foram perdendo o espaço que haviam encontrado na igreja primitiva, e junto com o testemunho de vários pais da Igreja,

mais uma vez se encontram à margem. Isso vai ser salientado no período da Idade Média, onde a Reforma Protestante vai trazer novidades na educação delas. Então, a mulher vai buscar novas brechas trazidas pelas inovações da modernidade, que alguns comentaristas vão afirmar ter tido início no ano de 1650 e durar até aproximadamente 1950 (OLSON, 2001, p. 554). Nesse período, agarradas ao movimento feminista, que teve suas primeiras manifestações durante a Revolução Francesa, buscam sua emancipação e dignificação.

## 2.1 Mulher na Idade Média e Reforma Protestante

A Idade Média foi um período histórico marcado pela presença e dominação da Igreja, dos valores cristãos transcendentais, com a “fuga do mundo” através dos mosteiros, e principalmente marcada pela intolerância da Inquisição, que oprimia e retirava a liberdade dos indivíduos. (SOUSA, 2008, p.159). Nesse momento da história, a mulher enfrenta um quadro bem parecido com o já retratado:

A sociedade feudal foi, sem dúvida, patriarcal e, para muitos autores, estaríamos falando de uma época histórica na qual as mulheres estavam obrigadas a circular exclusivamente na esfera privada. E, ainda assim, estaríamos falando de uma circulação somente permitida dentro dos limites da casa paterna, da casa marital ou do convento. (NASCIMENTO, 1997, p.85).

Muitas eram confinadas através do casamento a uma posição insignificante. Almeida (2010, p.58) constata isso ao dizer que ela, [a mulher] estava “sujeita à vontade alheia, a identidade da mulher desaparece no anonimato do vínculo matrimonial. Ela, além de se submeter ao marido, ficava encerrada nos limites estreitos estabelecidos por teólogos e peritos do outro sexo.” Ele também afirma que a maioria das mulheres desse momento tornavam-se mães, o que definia sua identidade. (2010, p.54). Sousa (2008, p.164-165) ainda acrescenta que a Igreja católica advogava em favor do casamento, mesmo que esse muitas vezes fosse apenas por interesse, para aumentar o patrimônio familiar. A mulher, assim como na sociedade greco-romana, permanece sob a tutela do marido, sendo reconhecida como incapaz pela legislação.

A imagem de que por Eva ter trazido o pecado ao mundo, a mulher é maléfica e mais propensa ao pecado permanece (NASCIMENTO, 1997, p.85). Por

mais que a influência da Igreja seja muito grande, a Idade Média é marcada também pela devassidão moral (ALMEIDA, 2010, p.26), afetando diretamente à mulher que, quando se tornava vítima de estupros, praticados como uma forma de iniciação masculina, não podia contar com a lei para defendê-la, pois era vista como complacente para com o crime, condenada assim à vida de prostituição para se sustentar. (PERROT, 2007, p.45). Ela também não recebia qualquer tipo de instrução (ALMEIDA, 2010, p.52). Nascimento (1997, p.86) retifica ainda que o sangue menstrual continua sendo visto como tóxico, causador de muitos males, justificando assim a exclusão da participação das mulheres da direção das missas e vida sacerdotal da igreja.

Para tentar fugir desse sistema de opressão, as mulheres muitas vezes eram enclausuradas nos conventos. Perrot (2007, p.84) os descreve da seguinte maneira: “os conventos eram lugares de abandono e de confinamento, mas também refúgios contra o poder masculino e familiar. Lugares de apropriação do saber, e mesmo de criação”. Lá as mulheres encontravam liberdade para, longe do controle familiar, poderem administrar seu patrimônio como queriam. (NASCIMENTO, 1997, p.88). Os conventos eram habitados por mulheres nobres, que eram abandonadas pelos maridos, ou que enviuvavam, ou que se rebelavam contra a opressão da família. Outras, ainda jovens, obedientes aos pais, se consagravam a Deus” (SOUSA, 2008, p.166).

No entanto, nesse estágio, uma corrente de metamorfose do pensamento se inicia, apresentando Maria como a nova Eva, elaborada pelos teólogos João Duns Escoto, Alberto Magno e Tomás de Aquino. Isso fez com que a mulher passasse a ser vista como capaz de adquirir grandes virtudes. O culto mariano, que valorizava a virgindade e consagração a Deus incentivou moças a ingressarem em diversas dessas instituições católicas (SOUSA, 2008, p.161).

Um dos marcos mais importantes da Idade Média foi o início da Reforma Protestante, e para a mulher ela foi extremamente impactante, de uma forma tal que Almeida (2010, p.52) explana que a Reforma pregava a igualdade e o sacerdócio universal, tornando assim a mulher responsável por ter maior conhecimento da palavra, despertando-a para a educação. Elas alcançaram uma nova emancipação, “mulheres que ficavam mudas na igreja agora podiam, segundo Lutero, orar, cantar,

dizer “Amém”, ler em casa, exortar outras mulheres e interpretar as Escrituras e, em casos extraordinários, poderiam até mesmo pregar”. (2010, p.59).

Entretanto, segundo Perrot (2007, p.85-86), apesar de a mulher exercer um papel mais relevante principalmente na caridade, no âmbito doméstico a concepção patriarcal predominava entre os protestantes. “A mulher de pastor, modelo das mulheres reformadas, é o tipo da mulher ajudante de seu marido no exercício de seu ministério. As mulheres protestantes, entretanto, eram mais emancipadas que as católicas, mais presentes no espaço público. Em prol do apostolado, elas eram cada vez mais numerosas”.

A mulher foi diretamente afetada pela Inquisição, muitas acusadas de feitiçaria eram condenadas pelos religiosos, muitas condenadas como “místicas, entre elas aquelas desprotegidas que, sendo consideradas bruxas, eram queimadas vivas na fogueira, tendo confessado ou não seus crimes.” (ALMEIDA, 2010, p.61). Perrot (2007, p.89) oferece dados importantes, indicando que das mais de 100 mil vítimas presas e queimadas nas cidades Europeias, 90% eram mulheres, o que coincidiu com o período de novas ideologias e da Reforma, pois os protestantes concordavam com os católicos que as feiticeiras eram nocivas.

Contudo, é importante também saber, que na Idade Média, apesar de ser uma época dominada pelos homens, “algumas mulheres exerceram importantes funções fora do lar, sendo abadessas, rainhas e dirigentes empresariais”. (SOUSA, 2008, p.159). Nessa época a mulher começa a conquistar certa autonomia e independência e os avanços iniciados nessa fase permitiriam que a mulher lutasse por alguns avanços, fato que será impactante na Idade Moderna.

## **2.2 Mulher, a Modernidade e o Feminismo**

Ao entrar nesse momento da história, depara-se com um momento de transformação, onde as mulheres não aceitam mais o papel que foi imposto a elas ao longo do tempo. Através das reformas religiosas, elas se descobrem como um sujeito capaz de adquirir conhecimento, e por intermédio disso, como explana Almeida (2010, p.63-66), a mulher inicia sua participação da vida social ao final do século XV. Elas começaram a escrever principalmente sobre sua fé e, no fim do

século XVI, havia um percentual de mulheres cultas como nunca antes. “Este tipo de experiência de ensino às mulheres, divisa-se no decorrer da história da Igreja até o surgimento do Renascimento e das Universidades”. (FLUCK, 2016, p. 24).

Elas então participam do processo de escolarização e ingressam nas universidades e a partir de 1950 elas já são parte maciça das mesmas. (PERROT, 2007, p.94). Outros fatores foram relevantes para a mudança de comportamento das mulheres. Perrot os expõe ao relatar os subsequentes eventos:

Por muito tempo aparentemente imóvel, a vida nos campos mudou, e a das mulheres também. Por influência do mercado e das comunicações. Pela industrialização. Pelo êxodo rural. Pela ação das guerras, principalmente a de 1914-1918, que esvaziou o campo de seus jovens e transferiu uma parte de suas tarefas e de seus poderes para as mulheres: elas aprendem a lavrar a terra, gesto viril, e a gerenciar seu negócio. Esses fatores acumulados modificaram o equilíbrio das famílias e as relações entre os sexos e mudaram a vida das mulheres (PERROT, 2007, p.113).

Todavia, a maior brecha para a ruptura das mulheres com os antigos pilares sociais são as revoluções, nelas elas encontram o momento para começar a exigir igualdade dos sexos (PERROT, 2007, p.143). Começa então o feminismo ou movimento feminista. Gurgel (2010, p.1-6) narra que as primeiras expressões do feminismo foram durante a Revolução Francesa, quando as mulheres, pela primeira vez, se apresentam como sujeito político. Elas começam a reivindicar seus direitos, os quais até então eram restritos aos homens. Direitos políticos, igualdade salarial e trabalho, além da educação, estavam em pauta. As questões sociais do século XIX, dão maior força para o movimento feminista, culminando em Congressos Internacionais, para definir a linha de atuação das organizações das mulheres. Também começaram a ser tratados temas como o direito ao aborto, a sexualidade livre, a liquidação do modelo patriarcal de família e a visibilidade jurídica da mulher.

Já no Brasil, o feminismo não chega apenas como a luta contra a hierarquização dos gêneros, mas “surge como consequência da resistência das mulheres à ditadura militar” (SARTI, 1998, p.3). Sarti (1998, p.5) analisa o feminismo no Brasil com uma coloração própria, mesmo que no começo ele tenha sido visto de forma pejorativa, um movimento imoral e como algo contrário à feminilidade por grande parte das pessoas e religiosos. Através de uma política de aliança, com grupos de esquerda e a Igreja Católica, navegaram contra a corrente do regime militar. Nos anos 80, era uma força política e social consolidada. “Houve significativa

penetração do movimento feminista em associações profissionais, partidos, sindicatos, legitimando a mulher como sujeito social particular” (1998, p.8).

O mais interessante, é o fato que o feminismo não se restringiu apenas às camadas sociais e políticas, mas também construiu sua base religiosa:

O campo religioso, como todos os outros campos do saber, também recebeu os impactos dos avanços do movimento feminista. O estudo do fenômeno religioso não mais se limitou às abordagens das instituições religiosas. Pelo contrário, cada vez mais somos desafiados a pensar a religião a partir da interlocução dos sujeitos religiosos. (COELHO, 2015, p. 35).

Para Libanio (1996, p.2), a teologia feminista aflui em práticas transformadoras, desloca o padrão de subordinação entre homem e mulher para o de equivalência, plenamente inclusivo para homem e mulher. Depois do feminismo, a história para a mulher mudou em todos os campos da vida, alcançando patamares nunca antes imaginados por elas, pelo menos em grande parte do globo terrestre.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A mulher é um sujeito histórico e nas páginas da grande narrativa humana ela se faz presente, de modo modesto ela está lá. Grandes mulheres não aceitavam aquilo que era imposto a elas, lutando por seus direitos, mulheres que deveriam ser de forma mais profunda estudadas, mas elas são as exceções. Em sua grande maioria as mulheres foram oprimidas e desmerecidas.

Com o decorrer da história, vê-se que a mulher nas sociedades primitivas eram valorizadas apenas como mãe e esposa. Aquela que deveria permanecer dentro de casa para não atrapalhar a vida masculina, enclausurada em quatro paredes para fazer os serviços domésticos. Na religião, elas não tinham mesmo vez, quase sempre vistas como inferiores e impuras, fracas e suscetíveis ao erro. Elas deveriam muitas vezes lutar para manter o mínimo de dignidade possível e até a vida.

As mudanças demoraram muito a acontecer. Depois de muitas serem torturadas e mortas pela Inquisição, a Reforma Protestante dá à mulher um novo fôlego. O aprendizado alcançado, principalmente nas classes mais altas, muda a mentalidade dos homens sobre as mulheres e delas mesmas. Com as guerras e



mudanças de cenário, a mulher se viu como forte o suficiente para ser independente, fator que vai ser crucial para aproveitarem as brechas trazidas pelas revoluções, permitindo assim, às mulheres lutarem pelos seus direitos por meio do movimento feminista.

## **BIBLIOGRAFIA:**

ALMEIDA, R. S. **Uma Voz Feminina na Reforma**. São Paulo: Hagnos, 2010.

BALDOCK, J. **Mulheres na Bíblia**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2009.

BRAGA, E.S. **A Representação da Mulher entre Jesus de Nazaré e Paulo de Tarso no Cristianismo Primitivo (I Século E.C.)**. 2016. 121 f. (Tese de Doutorado) Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista, Assis, 2016. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/144215/braga\\_es\\_dr\\_assis.pdf?squence=4&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/144215/braga_es_dr_assis.pdf?squence=4&isAllowed=y) > Acesso em: 28/05/18.

COELHO, C. N. **Ampliando Horizontes: análise de interpretações do feminino a partir do texto bíblico**. 209 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2015. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/778> > Acesso em: 15/05/17.

CUNNINGHAM, L; HAMILTON, D. J; ROGERS, J. **Por Que Não Elas?** Belo Horizonte: Betânia, 2004.

DREHER, Martin N. O Novo Testamento escrito por homens e a mulher na história da Igreja. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo. V. 30, n. 3, p. 273-287, 1990. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/viewFile/1045/1005](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/1045/1005)> Acesso em: 01/06/18.

EVANS, M. **A Mulher na Bíblia**. São Paulo: ABU, 1986.

FELDMAN, S. A. A mulher na religião judaica (período bíblico: primeiro e segundo Templos). **MÉTIS: história & cultura** . Caxias do Sul, v. 5, n. 10, jul./dez. 2006. P. 251-272. Disponível em: <<http://ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/810/573> > Acesso em: 22/05/18.

FERREIRA, J. A. Mulheres e Paulo numa mesma evangelização. **Paralellus**, Recife. V. 6, n. 12, p. 105-118, jan./jun, 2015. Disponível em : <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/546/pdf>>. Acesso em: 01/06/18.

FLUCK, M. R. **História do Cristianismo: modelos, panoramas e teologia**. Curitiba: Cia. de Escritores, 2016.

FLUCK, M. O papel da mulher: uma perspectiva histórica da ótica cristã. **Boletim Teológico**. Ano 7, nº21, p-43-57, setembro/ 1993.

GERSTENBERGER, E. S. Casa e casamento no Antigo Testamento. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 42, nº 1, 2002. P. 81-89. Disponível em: < [http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/609/563](http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/609/563) > Acesso em 22/05/18.

GRENZ, S. J. **Mulheres na igreja: uma teologia bíblica das mulheres no ministério**. São Paulo: Candeia, 1998.

GURGEL, T. Feminismo e Luta De Classe: História, movimento e desafios teórico políticos do feminismo na contemporaneidade. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em:< [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277667680\\_ARQUIVO\\_Femini smoelutadeclasse.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277667680_ARQUIVO_Femini smoelutadeclasse.pdf) > Acesso em: 28/05/18.

LIBANIO, J. B. (et al). **Introdução à Teologia: perfil, enfoques, tarefas**. São Paulo: Loyolo, 1996.

MORACHO, F. **Como Ler os Evangelhos**: para entender o que Jesus fazia e dizia. 8ª ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

NASCIMENTO, M. F. D. Ser mulher na Idade Média. **Textos de História**. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB. V. 5, n. 1, p. 82-91, 1995 Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/5807/4813>> Acesso em : 26/05/18.

OLSON, R. E. **História da teologia cristã: 2.000 anos de tradição e reformas**. São Paulo: Editora Vida, 2001.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

SARTI, S. A. O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DA LASA, 21**. Chicago: Illinois, set. 1998. Disponível em :<http://lasa.international.pitt.edu/LASA98/Sarti.pdf>>. Acesso em: 28/05/18.

SOUSA, I de. A Mulher Na Idade Média: a metamorfose de um status. **Revista do UNI-RN**. Natal, v. 3, n. 1/2, p. 159-173, 2008. Disponível em: <http://www.revistaunirn.inf.br/revistaunirn/index.php/revistaunirn/article/viewFile/97/109> . Acesso em: 26/05/18.

SOUSA, M da. C. F. E de. **O Papel da Mulher no Cristianismo Primitivo: uma leitura do quarto evangelho**. 2012. 70 f. (Dissertação mestrado) Escola Superior de Teologia - Programa Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2012. Disponível

em:<[http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/BRSIFE/364/sousa\\_mcfe\\_t  
mp271.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/BRSIFE/364/sousa_mcfe_t<br/>mp271.pdf?sequence=1&isAllowed=y) > Acesso em: 25/05/18.

TAMANINI, P. A. O tema do deserto e da vida ascética no monaquismo feminino na Igreja cristã primitiva: os monges e as monjas do deserto. **Revista Signum**, Belo Horizonte. V.17, N.1, p.178-195, 2016. Disponível em: <<http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/205/189>> Acesso em: 03/06/18.

TEIXEIRA, J. L. S. A atuação das mulheres nas primeiras comunidades cristãs. **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo, v. 18, n. 72, p. 55-62, 2010. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15374/11482>> Acesso em: 15/05/17.